



A sociedade
feminina do
século XX
vista através
de **Modas
& Bordados**¹

Por trás de um título que parece resumir o mundo feminino a um emaranhado de linhas e agulhas encontramos uma revista que atravessa quase todo o século XX, servindo de companhia a várias gerações de mulheres portuguesas. *Modas & Bordados*² é uma publicação sobre mulheres, dedicada a mulheres, com um título conservador mas dirigida por intervencionistas como Maria Lamas ou Etelvina Lopes de Almeida, e que se manteve em circulação entre 1912 e 1977. As suas páginas dizem, certamente, muito sobre o papel desempenhado pela mulher portuguesa ao longo do século XX.



MODAS E BORDADOS

vida feminina

Directora e Editora: MARIA LAMAS

PROPRIEDADE DA SOC. NAC. DE TIP. - REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFFICINAS: RUA DO SÉCULO, 88 - SUPLEMENTO DO JORNAL "O SÉCULO" - LISBOA



Branco

Inspirado nessa *stoliettes* da estréias, Mario dos Remedios desenhou, especialmente para «Modas & Bordados», uma encantadora blusa, para ser feita em crepe branco, com duas largas pregas, flexíveis, sobre cada ombro.



FREQUENTEMENTE as estréias de cinema vestem *stoliettes* desenhadas e criadas com o fim de ajudar o efeito mais ou menos dramático de certas cenas. Assim, Katherine Hepburn, em «Casamento escandaloso», veste muito de branco, a-fim-de dar a impressão vaporosa requerida.

Foi durante o século XIX que começaram a fazer-se ouvir publicamente as vozes femininas. A mulher portuguesa criava uma consciência cada vez mais nítida do seu potencial e da dimensão secundária a que era relegada pelo dominante universo masculino: “Burguesas ou não, portuguesas ou estrangeiras, as mulheres do século XIX não se ficaram pelas tarefas domésticas. Ao contrário, multiplicaram as suas actuações por outros centros de interesse. Foram-se afirmando na sociedade, sem grande alarido, ocupando espaços públicos e funções até aí reservados aos homens”³.

Para esta crescente consciencialização da mulher contribuiu o surgimento de uma imprensa periódica especializada nas temáticas femininas. O acesso ao espaço da opinião pública abria-se pela primeira vez à mulher, através da imprensa.

Apesar de terem despontado logo no início do século, o boom das publicações femininas registou-se na segunda metade do século XIX e no início do século XX. Foi neste período também que nasceu o jornal *O Século*. Criado em 1881, *O Século* revelou, desde logo, uma tendência para conduzir a sociedade e não se limitar a informá-la. Nesse sentido, lançou diversas campanhas de apoio aos mais desfavorecidos e organizou provas desportivas, congressos científicos e exposições de arte. Tudo isto, aliado a muitas e elaboradas campanhas publicitárias e concursos, transformou o jornal numa sólida empresa. Poucos anos mais tarde, *O Século* publicava já diversos títulos, entre os quais, o suplemento feminino *Modas & Bordados*.

Modas & Bordados nascia, assim, em 1912, durante um período conturbado, no qual a sociedade portuguesa tentava adaptar-se ao recente regime republicano.

Os primeiros anos

Dirigido a uma elite feminina, *Modas & Bordados* tinha como objectivo inicial dar conselhos de moda e de beleza às mulheres. Por esse motivo, dedicou sempre um grande espaço à troca de correspondência com as suas leitoras. Na verdade, o suplemento começou por ser quase exclusivamente composto por essa correspondência, por publicidade e por moldes de costura.

Modas & Bordados não retratava nas suas páginas uma mulher instruída, politizada e lutadora nem a ela era dedicado. Elucidativo do carácter conservador da publicação, ou mera curiosidade resultante dos tempos que se viviam, é a circunstância de a sua primeira directora ser identificada na capa apenas como Madame Carvalho, sendo que este era o apelido recebido do marido através do casamento.

Apesar de tudo, a revista apresentava uma nova faceta feminina: uma mulher elegante, educada e muito segura de si, ainda que pouco vanguardista e muito apegada aos costumes e às boas maneiras tradicionais. O apego à tradição pode constatar-se no tipo de livros didácticos que o suplemento aconselhava às suas leitoras. Por exemplo, em 1916, é sugerida a leitura de *Arte de Noivar*, uma “compilação de todas as regras que devem ser observadas pelos namorados: durante o período do noivado. É um livro delicioso, finalmente escrito por uma senhora”⁴.

A sugestão de livros, ainda que dedicados à costura, cozinha ou boas maneiras, representava apenas uma pequena parte da abundante publicidade que se podia encontrar nas páginas de *Modas & Bordados*. Tendo em consideração o seu público-alvo, a generalidade dos anúncios de *Modas & Bordados* tinha por objecto as lojas mais cosmopolitas e os produtos mais recentes de beleza e de moda (ilustrações 1 e 2).

Não significa isto que a publicação tenha ficado indiferente aos recentes progressos alcançados ao nível dos direitos das mulheres. Com efeito, a redacção de *Modas & Bordados* esclarecia, em 1920, uma leitora anónima sobre o divórcio: “Compreendemos que v. ex.^a recorra ao divórcio que lhe restituirá a liberdade moral que tão abruptamente lhe cortaram. [...] Se v. ex.^a casou sem escrituras, metade dos bens do casal pertencem-lhe e ser-lhe-hão entregues apoz as partilhas a que o divórcio obriga”⁵.

O suplemento não ficou também alheio à afirmação das mulheres na literatura. Desta forma, publicava regularmente crónicas, contos ou poemas de escritoras, poetisas ou mesmo de leitoras anónimas. Note-se que foi nas páginas de *Modas & Bordados* que foi publicado, pela primeira vez, o poema “Crisântemos”, de Florbela Espanca. A poetisa tornou-se, aliás, colaboradora assídua do referido suplemento, publicando nele vários sonetos.

Ilustração 1

Publicidade a um produto de beleza, 1920



Ilustração 2

Publicidade a uma sapataria, 1916



Nº 1954
2 ESCUDOS



Modasbordados
Vista femenina

Modas & Bordados foi um sucesso entre as mulheres da alta sociedade portuguesa, mantendo-as actualizadas acerca das mais recentes novidades da moda europeia e norte-americana. Tendo começado, em 1912, a ser vendida por apenas um centavo, em 1920 o seu preço atingia já os dez centavos.

O Estado Novo e a revolucionária direcção de Maria Lamas

Apesar de muitas das ideias trazidas pela Primeira República, no âmbito dos direitos das mulheres, não terem tido a implantação esperada, contribuíram, activamente, para a abertura de mentalidades e costumes. O Estado Novo, conservador e estreitamente ligado à Igreja Católica, veio colocar um travão neste processo, reduzindo novamente a figura da mulher a “mãe, esposa, irmã ou filha de todos os que somos em Portugal”⁶.

É, contudo, neste período, e com Maria Lamas na direcção, que *Modas & Bordados* atinge o seu esplendor. Quando entra para a direcção do suplemento, Lamas conta já com uma larga e rica experiência pessoal e profissional. Aos 37 anos, era casada pela segunda vez, tinha duas filhas e havia já colaborado em diversos jornais regionais, na Agência Americana de Notícias e em várias revistas infantis. O seu currículo contava ainda com o contributo dado como voluntária da Cruz Vermelha durante a Primeira Guerra Mundial, com o exercício da actividade de professora e com vários livros já publicados. Basta esta descrição sumária para perceber que Maria Lamas não era uma mulher do seu tempo e muito menos era a mulher idealizada pelo Estado Novo.

Maria Lamas assume a direcção a 29 de Maio de 1930 e, pouco depois, acrescenta um subtítulo à publicação que passa, assim, a chamar-se *Modas e Bordados. Vida Feminina*. Era o primeiro sinal de mudança.

Um dos seus maiores projectos dentro da revista foi a criação, em 1935, do suplemento juvenil *Joaninha*. À rubrica “O Correio de Joaninha” chegavam milhares de cartas com dúvidas de jovens mulheres. Respondia-lhes a *Tia Filomena* que era, como não poderia deixar de ser, Maria Lamas. Entre essa figura conselheira e as leitoras que lhe escreviam expon-

do episódios das suas vidas criou-se uma enorme cumplicidade. O tom carinhoso utilizado nesta resposta publicada em Setembro de 1940 comprova essa relação: “Perdoa a minha demora em responder-te! Só Deus sabe o tormento que representa para mim não poder responder a todas imediatamente! [...] Então, estivestes doentinha?”⁷. A *Joaninha* tornou-se também um elo de ligação entre as próprias leitoras, promovendo relações de amizade entre raparigas dos mais distantes pontos de Portugal.

“O Correio de Joaninha” teve tal adesão que fez disparar as vendas de *Modas e Bordados. Vida Feminina*, alargando o seu público-alvo inicial, e permitindo que o suplemento se tornasse, em 1938, uma revista autónoma. O sucesso alcançado inspirou, inclusivamente, a criação de um programa radiofónico na Emissora Nacional, intitulado “Meia Hora de Recreio para Raparigas”. Contudo, a verdadeira dimensão deste fenómeno só viria a revelar-se quando, em 1976, as amigadas, entretanto criadas, deram origem ao Movimento de Acção Juvenil Joaninha.

O carácter empreendedor de Maria Lamas não se fazia sentir apenas nas páginas de *Modas e Bordados. Vida Feminina*. Na qualidade de presidente do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas, Lamas organizou, em 1947, na Sociedade Nacional de Belas Artes, a exposição “Livros de Escritoras de Todo o Mundo”. O objectivo desta exposição era dar a conhecer às portuguesas escritos de mulheres estrangeiras que, sem o controlo de governos autoritários, expressavam livremente os seus sentimentos e opiniões.

O empenho de Maria Lamas foi recompensado com o enorme sucesso da exposição, que ficaria ainda marcada pela afirmação da vontade das mulheres face ao regime. Com efeito, a Polícia de Intervenção e Defesa do Estado, atenta desde há muito ao seu trabalho, decidiu encerrar a exposição, sob o pretexto de as obras literárias expostas não terem passado pelo crivo da censura. A sua intervenção só sai frustrada devido à coragem de muitas amigas fiéis de Maria Lamas que abandonaram a Sociedade Nacional de Belas Artes levando as peças expostas consigo, antes da entrada da PIDE.

Furioso com o protagonismo e a capacidade de acção de Maria Lamas, o regime encerra

Ilustração 3
Anúncio Ford, 1950





o Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas e exige que ela seja afastada da direcção de *Modas e Bordados. Vida Feminina*. As quase duas décadas passadas na direcção da revista tinham já, no entanto, sido suficientes para transformar a publicação e lhe dar visibilidade.

A Direcção de Etelvina Lopes de Almeida

À lutadora Maria Lamas sucederia, na direcção de *Modas & Bordados*, uma jornalista também muito activa na sociedade portuguesa, a sua grande amiga Etelvina Lopes de Almeida.

Com a entrada na década de 50, *Modas e Bordados. Vida Feminina* apresenta algumas alterações ao nível da publicidade. A quase exclusividade de anúncios dedicados à beleza e à moda dá lugar à publicitação de novos produtos, alguns dos quais tradicionalmente considerados pouco femininos. Exemplo disto é o anúncio do novo automóvel da Ford (ilus-

tração 3), incluído na *Modas e Bordados. Vida Feminina* nº 2013, de 1950.

A publicidade de um automóvel numa revista feminina reflectia uma moda que crescia entre as mulheres europeias: a condução. A crescente intimidade entre a mulher e o volante originou mesmo a criação de uma nova rubrica de *Modas & Bordados*, intitulada "A mulher e o automóvel".

Todavia, a revista continuava a promover como principal virtude feminina o bom desempenho nas lides domésticas. Paradigmática é a entrevista realizada à jovem actriz de teatro Sara Vale, em que o destaque não é dado à carreira profissional mas sim ao seu papel de dona de casa: "ocupo-me nas coisas mais vulgares que prendem o tempo a uma dona de casa, mas o que mais gosto de fazer são limpezas. Adoro andar de espanador em punho lutando contra o pó"⁸. Mesmo as mulheres que trabalhavam fora de casa e eram reconhecidas pelo seu trabalho manifestavam publicamente uma mentalidade conservadora, do agrado do regime.

Em sentido oposto, ainda neste ano de 1966, *Modas & Bordados* apresenta nas suas páginas um anúncio publicitário da mais recente novidade, em Portugal, no âmbito da higiene feminina – os tampões – para que a mulher se sinta “livre na praia durante todo o Verão” (ilustração 4). Este anúncio, bem como a fotografia que o acompanha de uma mulher em fato de banho, são reveladores de que algo estava a mudar, também em Portugal.

Apesar de tudo, as garras do regime permaneciam afiadas e os seus olhos atentos a qualquer sinal de subversão. A sua autoridade fez-se sentir mais uma vez na estrutura interna de *Modas & Bordados*, ao afastar Etelvina Lopes de Almeida do cargo de directora por motivos políticos. Não agradou ao regime que Etelvina manifestasse publicamente os seus ideais de esquerda, ao subscrever um documento contra a Guerra Colonial.

Ilustração 4
Anúncio Tampax,
1966



A Mulher em Liberdade

Pela primeira vez, a república e a democracia encontraram-se em Portugal, em 1974, trazendo consigo os valores da liberdade e da igualdade.

Com o afirmar da democracia, o 25 de Abril revelou-se muito mais do que uma revolução política, marcando também o início de uma revolução social e sexual que conduziria as mulheres à conquista da plenitude dos seus direitos cívicos.

Como forma de comemorar a liberdade de Abril e de engrandecer a sua missão, Maria Lamas é nomeada directora honorária de *Modas & Bordados*. A direcção da publicação aproveitou o novo contexto para expressar o orgulho das mulheres portuguesas, não só no trabalho realizado à frente da revista, como em todas as acções que Lamas liderou em prol dos direitos femininos.

O feminismo português ainda foi a tempo de influenciar as páginas de *Modas & Bordados*. Desde logo, no título, que passou a ser, orgulhosamente, *Mulher. Modas e Bordados*. A acompanhar a mudança de nome, também o grafismo, a organização interna e a própria linha editorial da revista sofreram profundas alterações, a que não é estranho o facto de ter passado a integrar a Empresa Pública dos Jornais Século e Popular.

A partir de então, a capa da revista que, antes de 1974, sempre fora preenchida com

figurinos, manequins e figuras públicas, passa a destacar um grande tema noticiado. A capa de *Mulher. Modas e Bordados* de 1 de Setembro de 1976 denuncia que, no nosso país, algumas “Crianças trabalham de Madrugada”.

O papel intervencionista assumido por *Mulher. Modas e Bordados* está até subjacente à escolha dos livros e filmes publicitados pela revista. Exemplificativas são as recomendações de *Autobiografia de uma mulher emancipada*, livro escrito pela primeira mulher a fazer parte do governo soviético, e do novo filme do realizador sueco Ingmar Bergman, politicamente conotado com a esquerda. A crítica do filme inclui detalhadas descrições das personagens principais, nomeadamente, de Karen: “Karen está casada com um diplomata, homem que a transforma num simples objecto dos seus desejos, que nela vê apenas a fêmea que tem a obrigação de satisfazer o seu prazer. [...] Karen que, um dia, desesperada, mutila o sexo com o vidro de um copo partido e o exhibe em seguida ao marido, mostrando-lhe que, doravante, será impossível qualquer relação sexual entre ambos”⁹. Absolutamente todos os pretextos serviam para homenagear a liberdade e para promover o orgulho de ser mulher.

O fascínio democrático assumia proporções tais que o bem e o mal eram, muitas vezes, resumidos à oposição socialismo/capitalismo. Muito curioso neste sentido é um artigo publicado em 1976 sobre o parto: “viria a surgir, desde logo, o avanço da anestesia e, mais tarde, o parto pelo processo psicoprofiláctico. No primeiro caso, tirou-se à mulher a capacidade de intervenção no parto. No segundo, pediu-se-lhe a sua participação para vencer a dor. Estas duas atitudes da ciência inseriram-se (pelas suas próprias características) em linhas políticas diametralmente opostas. Daí, o processo do parto por anestesia ser particularmente acarinhado nos países capitalistas e o parto preparado ganhar privilégio de oficialização nos países socialistas”¹⁰.

Para além da política, haveria um tema que concentraria todas as atenções das leitoras de *Mulher. Modas e Bordados* depois da revolução: aquele que ficou conhecido como o “dossier Gisela”. Alguns meses passados sobre o 25 de Abril de 1974, é publicada uma carta escrita por uma jovem de 15 anos, sob o título “Fiz amor na noite de 25 de Abril”. A entrega da

*modas bordados
vida feminina*

1883



2.00

jovem a um desconhecido, motivada pela euforia daquela noite em que todos queriam experimentar as loucuras permitidas pela liberdade, suscitou a revolta de muitas leitoras e a admiração de outras mais ousadas. Fosse favorável ou contrária, todas as leitoras manifestaram a sua opinião sobre o testemunho de Gisela. De facto, havia, além da liberdade sexual, um elemento que acentuava o interesse das leitoras nesta história e que as dividia: Gisela relatou que, ao comungar na missa do domingo seguinte, sentiu-se indigna e cuspiu a hóstia para o chão na frente de todos.

A afirmação de *Mulher. Modas e Bordados* como uma revista de intervenção feminina, dedicada a mulheres esclarecidas e politizadas não iria, no entanto, durar muito. Integrado desde 1974 numa empresa pública, o jornal *O*

Século, em conjunto com as suas publicações, não conseguiam apresentar lucros, o que levou o então Secretário de Estado para a Comunicação Social, Manuel Alegre, a decretar a sua suspensão a 7 de Fevereiro de 1977. Estava ditado o fim de *Modas & Bordados*. A extinção destes títulos havia de ser decretada em Conselho de Ministros, em 1979.

A revista tinha já, no entanto, marcado presença ao lado das mulheres em todas as lutas travadas ao longo do conturbado século XX português. Na ilusão da Primeira República, no período negro do Estado Novo e na euforia democrática, *Modas & Bordados* foi a fiel amiga e conselheira das mulheres portuguesas. ■

NOTAS

¹ Texto baseado no projecto final do curso de Jornalismo, Escola Superior de Comunicação Social de Lisboa

² Entre 1912 e 1938 o título *Modas & Bordados* é publicado como suplemento do jornal *O Século*. A partir de então, transforma-se numa revista autónoma já com o título *Modas e Bordados. Vida Feminina*. Em 1975, a revista sofre uma reformulação e passa a ser publicada sob o título *Mulher. Modas e Bordados*. Entre 1977 e 1987 é apenas publicada uma brochura anual para que a revista não perdesse os direitos sobre o título.

³ Ana Maria Costa Lopes, *Imagens da mulher na imprensa feminina de oitocentos. Percursos de Modernidade*, 1ª edição, Lisboa, Quimera Editores, 2005, p. 163

⁴ *Modas & Bordados*, nº 240, J. J. da Silva Graça, Limitada, 13 de Setembro de 1916, p. 2

⁵ "A correspondência das nossas leitoras", *Modas & Bordados*, nº 447, Silva Graça, Limitada, 1 de Setembro de 1920, p. 7

⁶ António de Oliveira Salazar, *Discursos e Notas Políticas*, cit. por Rui Bebiano e Alexandra Silva, "A reidentificação do feminino e a polémica sobre a «Carta a uma jovem portuguesa»", *Revista de História das Ideias*, nº 25, 2004, p. 9

⁷ Tia Filomena, "O Correio de Joaninha", *Joaninha*, nº 239, 4 de Setembro de 1940, p. 1

⁸ A. O., "Sara Vale. Um novo valor do teatro português fala a *Modas & Bordados*", *Modas e Bordados. Vida Feminina*, nº 2013, Sociedade Nacional de Tipografia, 6 de Setembro de 1950, pp. 8 e 9

⁹ Sousa Aguiar, "Lágrimas e suspiros, a decadência da família", *Mulher. Modas e Bordados*, nº 3357, Empresa Pública dos Jornais *Século e Popular*, 1 de Setembro de 1976, p. 44

¹⁰ Hortense de Almeida, "A ciência avança em 2 direcções: Vencer a dor/Eliminar a dor", *Mulher. Modas e Bordados*, nº 3357, Empresa Pública dos Jornais *Século e Popular*, 1 de Setembro de 1976, p. 9